

Artista plástica consagrada no Brasil e no exterior, Márcia vive em New York, cercada de artistas e intelectuais. Mas é uma mulher esportiva e bem-humorada, que pratica wind-surf e esqui e que pode ser encontrada freqüentemente dançando samba no Club A.



MARCIA GROSTEIN

continua a escalada

por Rudi Crespi

Uma mulher contemporânea, decidida, segura do seu talento, mas ao mesmo tempo um encantador sorriso desarmante. Eis aí Márcia Grostein, a paulista que no firmamento intelectual de New York herdou o cetro de Bea Feitler. É vista circundada por artistas, mas também no Clube A onde dança o samba com os gestos lânguidos típicos de uma mulher brasileira. Passa vários meses por ano em São Paulo, mas confessa que em New York sente-se como em sua casa. Expôs seus quadros recentemente na Betty Parsons Gallery (24 West 57 Street, New York) e isto, para um artista, é uma prova im-

nomes mais prestigiados de New York, começando por Leo Castelli que quis estar presente ao show de Márcia combinado com uma retrospectiva de Jackson Pollock, encheram a galeria. Os seis quadros expostos variavam entre um mínimo de 3.500 dólares e um máximo de 7.500. George Bradley, ótimo crítico de arte, definiu a pintura de Márcia Grostein como *deft touch, charm, humour and vitality*. Ela trabalha com acrílico com ondas de luz que realçam os brancos e os cinzas predominantes. Nela se sente a influência de Matisse, de Chagall, de Bacon. Em 1980 expôs na Sutton Gallery, em 1982 fez parte do "Women of the Americas" no Centro de Relações Interamericano, sempre em New York. Nada mal para uma brasileira que somente em 1977 chegou ao cenário artístico desta cidade.

Nasceu em São Paulo em 1949, signo de Câncer, numa família muito unida. Seu irmão é um economista conhecido. Já em criança, Márcia pintava com a tia Mary Koperman. Depois fez muito balé e quando desembarcou em New York, De Kooning apresentou sua primeira exposição e Rosenquist a segunda. Mas não há somente arte na vida desta bonita mulher. Durante o verão, em Southampton, ela passa horas fazendo *windsurf* e no inverno esquia em Aspen ou em Saint Moritz. Não perde um bom teatro ou um filme de sucesso e frequenta restaurantes como o Odeon, o japonês-francês Café Seyoken (18 West 18 Street) e o Takesushi (71 Vanderbilt Place): neste o *chef* do *sushi bar*, Mr. Nagasaki, trata-a como uma princesa imperial. Depois vai dançar no Xenon, naturalmente no Clube A, no Heartbreaker, na Danceteria.

Compra seus vestidos de verão (muito linho e algodão) no Brasil e em New York veste-se com Giorgio Sant'Angelo e Carolina Herrera. Os cabelos frisados e lindíssimos são cuidados por David Danes que tem um salão de beleza na Madison Avenue com 69 Street. Adora viajar e considera a viagem sobre o Ni-

Ela acaba de expor na Betty Parsons Gallery, uma das mais conceituadas de New York. A mostra foi um grande sucesso, tanto de crítica como de público.

portantíssima para a própria carreira. Betty Parsons, que morreu em julho de 1982 com 82 anos, foi a primeira galerista a mostrar os quadros de Pollock, Hofmann, Still, Newman, Rothko, Ferber e Lipton numa época em que estes artistas ainda podiam acrescentar pouco ao seu prestígio ou levar dólares para sua caixa. Parsons lançava um pintor por ano e, para Márcia, 1983 foi o ano em que ela expôs na Betty Parsons Gallery!

O mercado de arte, recentemente, começou a se recuperar depois do inevitável choque da recessão americana. Os colecionadores têm necessidade de um *culture fix* e decidem comprar quadros. Durante dezoito dias, os

Continua na pág. 248